

A GUERRA DE INSURGÊNCIA NA ATUALIDADE: A LONGA GUERRA; UM ESTUDO DE COMO AS INSURGÊNCIAS TÊM EVOLUÍDO NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Samuel Rosales¹

RESUMO

As insurgências tornaram-se uma crescente ameaça para a sociedade, uma vez que agora elas têm o potencial de ameaçar globalmente, o que foi evidenciado pela instabilidade causada em regiões específicas como o Oriente Médio. A evolução desse fenômeno e o seu crescimento causaram fissuras dentro das próprias insurgências, formando grupos dissidentes. Tais grupos, com ideologias mais radicais, criaram não apenas problemas para os governos, mas também têm criado dificuldades dentro das organizações insurgentes, como a Al-Qaeda, que está tentando estabelecer certo controle sobre esses grupos. Como exemplo de um desses grupos dissidentes podemos citar o Estado Islâmico, que se

1

Master at Naval Sciences. Major, USMC, Email: samuelrosales1@gmail.com

separou e se transformou em uma forma mais agressiva de insurgência islâmica global. Sua missão, agora, é se estabelecer nas proximidades do Iraque e Síria e incitar uma Jihad Global, em uma tentativa de trazer de volta o Califado Islâmico do passado. A evolução da guerra passou por várias fases e, atualmente, vários analistas começaram a chamar a fase atual de Guerra de Quarta Geração, em resposta a essas insurgências mais complexas. Entender essas mudanças será fundamental para as ações de contrainsurgência, de modo que essas sejam capazes de sustentar estratégias eficazes que ajudarão a combater insurgências e manter a estabilidade ao redor do mundo.

Palavras-chave: Al Qaeda (AQ); guerra assimétrica; Contrainsurgência (COIN); Estado Islâmico; Guerra de Quarta Geração (4GW); insurgência Islâmica Global (IIG); Jihad Global (JG); Jihad Global.

TODAY'S INSURGENCY WAR: THE LONG WAR; A STUDY HOW INSURGENCIES HAVE EVOLVED IN 21th CENTURY

ABSTRACT

Insurgencies have become a growing threat to society, since they nowadays have the potential to threaten globally, which was evidenced by the instability caused in specific regions such as the Middle East. The evolution of this phenomenon and its growth has caused fissures within their insurgencies, forming splinter groups. Such groups, with more radical ideologies, have problems not only for governments, but also created difficulties within the insurgent organizations like al-Qaeda, which is trying to establish some control over these groups. As an example of one of these dissident groups, we can mention the Islamic State that separated and changed into a more aggressive form of global Islamist insurgency.

His mission now is to settle in the vicinity of Iraq and Syria and to incite a Global Jihad, in an attempt to bring back the Islamic Caliphate of the past. The evolution of war has gone through several phases and, currently, several analysts to call it the Fourth Generation Warfare, in response to these more complex insurgencies. Understanding these changes will be fundamental to counterinsurgency actions, so as to be able to evolve and develop effective strategies that will help to face insurgencies and maintain stability around the world.

Keywords: al-Qaeda; Asymmetric Warfare; counterinsurgency; Fourth Generation War (4GW); Islamic Insurgency Global (IIG); Jihad Global; counterinsurgency (COIN).

INTRODUÇÃO

A guerra sempre possuiu algum tipo de movimento assimétrico, no qual os regimes tiveram um alto grau de dificuldade na tentativa de debelar as revoltas locais.² As insurgências têm sido uma ameaça constante desde o momento que a humanidade começou se organizar em sociedade. Observando-se a história, desde antes das guerras romanas, de alguma forma a insurgência sempre existiu e foi empregada por aqueles que tinham desvantagens significativas para contestar ou derrubar quem se encontrava no poder.

A insurgência é definida por muitos estrategistas como uma estratégia adotada por grupos mais fracos que não conseguem alcançar seus objetivos políticos, seja por meio de meios convencionais ou pela apreensão rápida do poder. Geralmente, caracteriza-se por uma guerra prolongada, assimétrica e psicológica e realizada em terrenos complexos tal como as selvas, as montanhas e as áreas urbanas, a fim de dificultar a retaliação do governo e, eventualmente, alterar o equilíbrio do poder a seu favor.

Uma das características comuns dos insurgentes é que eles evitam o combate direto, por possuírem um poder de combate menor, assim, concentrando-se em aspectos psicológicos e políticos, em que podem operar em condições de igualdade.

2 O artigo de Andrew Mack JR "Why big nations loose small wars: the politics of asymmetric conflict" em *World Politics*, conceitua "assimétrico", simplesmente, como uma disparidade significativa de poder entre atores opostos em um conflito.

A preocupação predominante para aqueles que desejam estudar a melhor forma de combater uma insurgência é como conseguir a vitória ou o sucesso sobre uma insurgência. Vitória e sucesso são usados separadamente nesse contexto; a vitória para reivindicar e destruir completamente o adversário e se tornaria uma meta inatingível, devido aos recursos e tempo que levaria. O sucesso é a meta ideal e seria derrotar o adversário até o ponto em que ele pudesse, sendo muitas vezes ineficaz o seu resultado. A estratégia COIN é mais apta a apontar para o sucesso, mesmo que também para ela sejam necessários recursos e tempo intensivo. Corroborar essa colocação, o fato de que até o momento não houve um estado que proclamasse ter obtido uma vitória clara e definitiva sobre essa ameaça assimétrica, até porque ela está em constante evolução.

Tudo isso nos leva a acreditar que a contrainsurgência está obtendo êxito. O sucesso dela está na sua capacidade de usar os recursos disponíveis de diferentes modos e, em seguida, identificar o centro de gravidade para explorá-lo.

Os recursos necessários para combater esse sucesso são a capacidade de alavancar a diplomacia, as operações de informação, a influência econômica e a pressão militar, tudo em um esforço concentrado e coordenado.³

Por exemplo, no Oriente Médio, uma crescente preocupação foi levantada em relação às insurgências islâmicas; todavia, o Estado pode usar a ideologia islâmica de forma extremista e, em seguida, pode promover interpretações tolerantes do Islã e defender os valores ocidentais por meio de esforços informativos e diplomáticos. Essas são formas de combater a insurgência.

Como se poderia identificar e tomar medidas contra uma força de combate do inimigo que não pode ser claramente identificada, podendo facilmente voltar à vida cotidiana depois de um ataque? Como se pode fazer o povo confiar no Estado quando existe uma contrainsurgência? Qual é a melhor maneira de se criar oportunidades para o “youth bulge”, no qual não se tem a quem recorrer exceto a atração de uma insurreição?⁴ Como pode ser prevenido o financiamento para as insurgências por

3 American Service Forças Informação, 8 set 2004.

4 **Youth Bulge:** definido pelo sociólogo G. Heinsohn (2003) argumenta que um excesso de população, especialmente jovem adulta masculina previsivelmente leva a agitação social, guerra e terrorismo, como o “terceiro e quarto filhos” que não acham posições de prestígio em suas sociedades, racionalizando o seu ímpeto de competir pela religião ou ideologia política.

outros Estados? Essas são apenas algumas das questões que têm sido e continuarão a ser assustadoras tarefas na luta contra a insurgência.

A insurgência de hoje evoluiu de maneira que já não é possível combatê-la somente dentro das suas fronteiras territoriais ou tem limitações sobre quais métodos empregar a fim de promover sua causa. O resultado dessa evolução gradual é o que agora pode ser considerado uma insurgência islâmica Global (IIG), que acredita que a Jihad global (JG) é a única maneira de promover sua causa.

A EVOLUÇÃO DAS INSURGÊNCIAS

Originalmente identificada como guerrilha no início do século XIX, essa forma de insurgência foi usada por militares marginalizados da população local e, também, de outros Estados opostos para interromper a ocupação estrangeira de uma força com recursos superiores. O potencial desse tipo de guerra irregular era desconhecido na época e, eventualmente, se transformaria em uma ideologia revolucionária. A possibilidade de influenciar radicalmente a estrutura de um Estado por força subversiva seria inestimável para grupos dissidentes mais fracos e de minorias. A capacidade de conduzir operações subversivas, com táticas de “hit-and-run” por forças irregulares, provou ser um grande sucesso. Um exemplo desses movimentos foi utilizado durante a Guerra Peninsular, no qual combatentes espanhóis atrasaram o avanço dos franceses.⁵ Essas operações bem-sucedidas realizadas por guerrilheiros espanhóis incluíram numerosas emboscadas e ataques rápidos às linhas de comunicação francesas.

Uma das vantagens da insurgência espanhola era o apoio financeiro que receberam secretamente dos britânicos. Esse tipo de envolvimento estrangeiro, que continuará a ser visto ao longo da história e na atualidade, serve como fator de força e atrapalha o progresso das operações de contrainsurgência (COIN) que estão ocorrendo. A prova disso foi o nível de sucesso que a resistência espanhola obteve contra Napoleão durante o período.

Esse sucesso incentivou os ingleses a continuar apoiando os guerrilheiros espanhóis, pois lhes custaria muito menos do que equipar soldados britânicos para enfrentar os franceses numa guerra

5 Martin, Miguel Angel, *A Guerilla 1808-1814; O pesadelo espanhol de Napoleão*, Andrea Press, 2010.

convencional.⁶ Isso também é algo que deve ser levado em consideração. Os Estados externos podem, e provavelmente utilizarão desse artifício, atacar forças de ocupação que não aprovam ou que estão operando em uma área específica. As insurgências, muitas vezes, atuam como um instrumento de guerra utilizado por países que consideram o conflito direto muito perigoso ou indesejável.⁷ O fim da descolonização europeia e o colapso da União Soviética também removeram o impulso motivacional para atores estatais se envolverem em conflitos de alta intensidade entre o final dos anos 1940 e os anos 1990.⁸ Outro fator a ser considerado é que a ajuda externa pode causar uma poderosa mudança no status entre as forças rebeldes e governamentais, resultando em que o governo local seja desacreditado e potencialmente indeciso.

Conforme a evolução desse tipo de conflito, o termo ‘insurgência’ também conhecido como “Insurgência Clássica,” passou a ser utilizado para identificar as estratégias que estão sendo introduzidas pelos guerrilheiros revolucionários modernos, com objetivos mais específicos. Um artigo de 1997 escrito no “The Economist” afirmando que a proliferação de organizações insurgentes até o momento sugere que a insurgência ainda é amplamente percebida como um meio eficaz de alcançar o poder político e de influenciar ou chamar a atenção da comunidade internacional ou nacional. Essa transição entre a guerrilha e a insurgência foi caracterizada como a intenção de alcançar uma mudança política, pela mobilização de uma base política maior por meio de uma estratégia de coerção e subversão.

O século XX assistiu várias revoltas, sendo uma das insurgências mais marcantes desse século a que ocorreu no Vietnã. Vo Nguyen Giap, general no Exército Popular do Vietnã (PAVN), comandou o movimento insurgente e também uma rebelião com táticas similares utilizadas contra os franceses na década de 1950. Na década de 1960, o general Giap faria um esforço para tentar unir o Norte e o Vietnã do Sul, infiltrando no Vietnã do Sul suas forças de guerrilha iniciando um movimento que seria sua maior força de insurgência contra o governo sul vietnamita.

A estratégia global de Giap foi empreender uma “guerra total”, envolvendo fatores políticos, militares, ideológicos e psicológicos. Por

6 Gates, David, a úlcera Espanhol: Uma História da Guerra Peninsular (Pimlico, 2002), 33-34.

7 Van Der Spuy, C, “As lições aprendidas com as insurgências africanas: implicações para a inteligência do exército Sul Africano,” Formação SA Inteligência do Exército, ago. 2012.

8 “O futuro da guerra,” The Economist. 8 Mar 1997, p. 15.

meio desta infiltração, foi capaz de interromper a administração política e desacreditar o governo sul-vietnamita. O modelo maoísta de insurgência seria verdadeiro nesse exemplo em que insurgências acabarão por suceder e serem capazes de organizar uma infraestrutura de apoio político de massa, suficiente para sustentar um conflito prolongado.⁹

Com o prolongamento do conflito, como o modelo maoísta prescrevia, Giap criou um exército de certa forma convencional, que foi capaz de realizar operações militares moderadas. A criação do PAVN pelos norte-vietnamitas era vista como a essência fundamental do sucesso dos insurgentes durante a Guerra do Vietnã nos anos 1970. Essa tentativa de provocar uma revolta geral contra o governo do Vietnã do Sul, transformou-se em uma vitória política importante porque convenceu os políticos norte-americanos e a opinião pública que o engajamento americano no Vietnã do Sul, necessitaria ser ainda maior. Os EUA teriam que se comprometer com mais forças e dinheiro, o que o que foi de encontro a opinião pública norte-americana. O General Giap diria mais tarde que a Ofensiva do Tet não era uma «estratégia puramente militar», mas sim parte de uma «estratégia geral, uma abordagem integrada, ao mesmo tempo militar, política e diplomática”.¹⁰ Até esse momento, as insurgências só faziam ações do terrorismo apenas no nível tático, raramente a nível estratégico. O século seguinte veria grandes mudanças nas táticas usadas pelos grupos insurgentes nos níveis tático e estratégico.

O início do século XXI ocorreram episódios que demonstraram que as insurgências eram capazes de infringirem grandes perdas em um dia, o que mudou a percepção dos estrategistas a respeito das insurgências e das suas capacidades. As tragédias dos ataques terroristas em 11 de setembro de 2001, contra as torres gêmeas, resultaram em 2.977 mortes e outras ainda incontáveis em consequência desse episódio nos próximos anos, representando uma das maiores tragédias na história dos EUA. Isso marcou os movimentos insurgentes, pois, o uso do terrorismo agora se tornou uma capacidade mais facilmente utilizada por eles. Outra mudança que cresceu com a globalização, foi que as insurgências começaram a ser compostas de uma mistura de grupos étnicos (principalmente árabes) e religiosos (principalmente islâmicos) que estavam crescendo. Assim, esse movimento insurgente islâmico globalizado tem sido capaz de juntar-se à

9 Schram, Stuart R. *táticas básicas - Obras Escolhidas de Mao Tse-Tung* (Nova Iorque, 1966), 98-105.

10 “Entrevista com Vo Nguyen Giap.” 1982. WGBH Biblioteca Multimídia e Arquivos.

insurgências similares ao redor do mundo em um esforço para resistir aos invasores estrangeiros ou que não são fiéis do Islã, lutando por sua crença em suas terras nativas ou em terras distantes.

Isso evidencia que os atores não-estatais estão agora desafiando, constantemente, os sistemas políticos tradicionais por meio de conflitos interestatais e por conflitos de baixa intensidade, que são extremamente difíceis de combater e controlar.

Deve-se notar que também existem outras insurgências antigas não relacionadas, que ocorrem em todo o mundo, com profundas raízes nas disputas territoriais, étnicas, religiosas e de recursos. O significado que essas insurgências têm é que existe a possibilidade de elas, eventualmente, unirem-se, apesar das diferenças, em um esforço para atingir Estados-Nação que estão se opondo a elas. Essa união de extremistas elevaria os níveis de ameaça em todo o mundo e poderia dificultar ou romper as relações que se desenvolvem entre os estados. O exemplo que será utilizado nesta análise é da insurgência que se formou no Iraque durante a Operação Liberdade Iraquiana 2003. Essa revolta é considerada uma das mais complexas até o presente.

OPERAÇÃO LIBERDADE DO IRAQUE - UMA INSURGÊNCIA

As origens dessa insurgência são discutíveis. Pode-se dizer que sua origem remonta aos fiéis do Islã que se sentiam oprimidos. Em um esforço para fixar uma data para essa insurgência islâmica específica, depois que os EUA invadiram o Iraque e depuseram o ditador Saddam Hussein, especificamente em 16 de maio de 2003. Essa é a data em que Paul Bremer, chefe da Autoridade provisória da Coalizão (CPA), emitiu a CPA Decreto 1, negando empregos para as quatro camadas superiores do Partido Baath de Saddam.¹¹ Essa ação acabou deixando um grande número de profissionais de classe de nível superior e oficiais militares de alta patente sem trabalho. Esses grandes grupos de profissionais insatisfeitos ficaram irados, prontamente disponíveis e dispostos a serem recrutados para a crescente insurgência sunita.¹²

11 Robinson, Linda. *Diga-me como isso termina: Gen. D. Petraeus e a busca de uma saída do Iraque*. NY, 2008.

12 LtGen John F. Kelley, "Forward", de *Al-Anbar Despertar*, Volume 1, *Perspectivas americanas: Marines norte-americanos e contra-insurgência no Iraque, 2004-2009*, ed. Timothy S. McWilliams e Kurtis P. Wheeler. Quantico, VA: Marine Corps University Press, 2009.

Esses profissionais ficaram motivados para se unir em oposição à ocupação do Iraque pelas forças norte-americanas e as Coalition Forces (CF). Nos anos seguintes, isso continuaria a crescer para incluir uma ampla gama de militantes que lutariam por causas sectárias e jihadistas. A insurgência que se desenvolveu após o colapso do país, resultaria em dificuldades significativas para os EUA e CF na missão de recuperar a ordem no Iraque falido pela guerra.

Na tentativa de determinar o ponto de ruptura, pode-se facilmente colocar a responsabilidade sobre as ações de políticos como Paul Bremer, mas várias condições levaram a essa insurgência. Para começar, a população do Iraque já estava vivendo em um mundo de miséria desde o tempo de punhos de ferro de Saddam Hussein durante décadas. O nível de abuso contra os xiitas, a corrupção, a falta de informações e as condições econômicas criaram dissidências ao longo dos anos contra os sunitas, que dominavam o governo. A invasão do Iraque, em 2003, também resultou em um alto nível de danos colaterais a serem sofridos pelos iraquianos, isso também, infelizmente, juntamente com os métodos agressivos e a mão pesada dos EUA e das CFs que tentavam estabelecer a segurança, causou mais insatisfação nos iraquianos que se sentiram perseguidos e reagiram contra os seus “libertadores da opressão”.

Em entrevista feita com um dos generais da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, o tenente-general Kelly, ele se recorda que as CFs não estavam prontas para lutar contra a insurgência, porque pouca ênfase havia sido previamente colocada na COIN. Em sua observação, o general Kelly acreditava, firmemente, que as forças foram treinadas principalmente para operações de combate de alta intensidade. Além disso, uma vez que as operações de combate cessaram, a próxima fase não tinha sido muito bem planejada. Os militares não estavam preparados para conduzir o governo de um país e aqueles que poderiam fazê-lo eram os profissionais que o CPA tinha expulsado de seus postos.

Nos anos seguintes, a crença do que o general Kelly declarou se confirmou. Os iraquianos afirmaram que as suas razões em simpatia aos insurgentes foram motivadas pelas ações da CF no início da guerra. Atos de violência, uso excessivo do poder das armas de fogo e, também, a realização de muitas invasões noturnas levaram ao desaparecimento e à morte muitos iraquianos inocentes. Essas ações viriam a ser um grande triunfo para os insurgentes, pois foram capazes de reforçar a sua retórica e servindo para ajudá-los no recrutamento de mais insurgentes.¹³

13 Ibid.

AS ORIGENS DAS INSURGÊNCIAS BASEADAS NO ISLÃ

A insurgência de hoje é um ideal, uma forma de descontentamento que vem fermentando há muitos anos. Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma recaída em países árabes e muçulmanos que, apesar de terem uma vasta riqueza em petróleo, houve uma deterioração gradual da economia e dos direitos humanos. O mundo árabe e muçulmano iria tornar-se frustrado com os líderes árabes socialistas e procuraram o Islã para restaurar a sua verdadeira glória do passado. O nível de corrupção que permeava as fileiras do governo empurrou a população desses países ao desespero. Clérigos muçulmanos pregavam que essa mudança foi para resgatar a dignidade dos muçulmanos em todo o mundo e, eventualmente, começaram a enfatizar uma nova ideologia.

Esses clérigos muçulmanos fariam várias reivindicações que criaram um ressentimento, principalmente em relação ao Ocidente. Algumas das queixas que os clérigos muçulmanos pregaram e ainda pregam são que o destino dos muçulmanos, a riqueza e o futuro foram roubados pelos interesses dos países ricos do Ocidente. As fronteiras do mundo árabe foram criadas para dividir os muçulmanos árabes. Isso foi feito para apoiar regimes corruptos que estavam trabalhando com o Ocidente e estavam tomando as riquezas do mundo muçulmano; potências ocidentais, deliberadamente, colocaram Israel no Oriente Médio, a fim de servir como um defensor dos interesses ocidentais em terra árabe e muçulmana.¹⁴

Estas alegações ainda alimentam o fervor dos muçulmanos e radicalizam a ideologia jihadista, inspirando os muçulmanos ao redor do mundo a assumir todos os meios necessários para ajudar o IIG. Os ensinamentos do Islã apontam que a jihad é considerada uma responsabilidade para cada muçulmano, dentro de suas capacidades, de modo a difundir o Islã em todo o mundo, e que supostamente deve durar até o dia em que o último ser humano não-muçulmano reconheça o islamismo como a verdadeira fé.¹⁵

O problema ocorreu quando os muçulmanos radicais interpretaram que a jihad deve ser uma luta violenta. O JG do século XXI que está sendo

14 “Ética, Política e Não-Estado da guerra,” *Antropologia Hoje*, Volume 23, No. 3, Jun 2007.

15 “Novos Paradigmas para o conflito do século 21” no *Combate à Mentalidade Terrorista*, Departamento de Estado revista eletrônica. Mai 2007.

realizado hoje é contra todos os não-muçulmanos do mundo, com ênfase especial contra os cristãos, os judeus e as democracias ocidentais.

DEFININDO O ISLÃ RADICAL DE HOJE

A capacidade de compreender a ameaça da insurgência hoje é extremamente difícil e complexa. Analistas, estrategistas militares e civis têm tido grande dificuldade em fazê-lo. A ameaça identificada é o Islã militante ou o islamismo, que pode ser percebido como uma filosofia que é intolerante e extremista, e que procura alterar a ordem mundial.¹⁶ Esse islamismo foi desenvolvido a partir de vários movimentos teológicos. Alguns movimentos, como os desenvolvidos pela liderança da República Islâmica do Irã e seus adeptos, como o Hezbollah libanês, surgiram de uma interpretação radical do Shia-Islam (Shi'ism).¹⁷ Outros grupos islâmicos têm suas raízes oriundas de interpretações wahabitas radicais do islamismo sunita. Suas origens podem variar, mas a mesma missão motiva a todos da mesma forma: o Islã político prega a intolerância e defende uma ordem contrária à democracia secular ocidental, à liberdade individual, à tolerância religiosa e aos direitos humanos.¹⁸

Sob esses ensinamentos, os islâmicos têm buscado reimplantar a sua interpretação da lei islâmica histórica, também mais conhecida como Sharia. Esse impulso para a lei mais moderna da Sharia levantou muitas questões para os muçulmanos, à medida que tornou-se muito rígida e violenta quando aplicada. A instituição da Sharia no passado foi considerada fundamentalmente enraizada na população e, basicamente, muito ética. No passado, servia para manter a harmonia social, baseada no amor e confiança, dentro e entre as comunidades e para Deus.

O objetivo da Sharia é trazer a coesão comunitária por meio de Qadis (juízes) da área que podem mediar disputas. Os castigos que já se tornaram sinônimo de IIG eram raramente realizados. Depois que as forças estrangeiras vieram para a região e colonizaram a área, a Sharia deixou de ser estudada e praticada como foi durante muitos séculos. Os códigos jurídicos europeus seriam implementados, porém deixando

16 O Relatório de 9/11 da Comissão (Nova Iorque: WW Norton Co., 2004), p. 362.

17 Shi'i Islam é baseada no Alcorão e a mensagem do profeta islâmico Maomé atestada em hadith registrado pelos Shia, e alguns livros considerados sagrados para Shia (Nahj al-Balagha).

18 Lewis, Bernard. "O Islã e Democracia Liberal," *The Atlantic Monthly*, fev 1993, p. 3.

vestígios da Sharia praticados em segredo. Interpretações do Alcorão de hoje enfatizam a implementação da Sharia; unidade política pan-islâmica e da remoção seletiva de não-muçulmanos, especialmente os ocidentais, influências militares, econômicas, políticas, sociais ou culturais do mundo muçulmano que eles acreditam serem incompatíveis com o Islã.¹⁹

Como o Islã se espalha por toda as regiões do mundo, a lei Sharia está sendo gradualmente implementada. Além de IIG, alguns estados modernos, como a Arábia Saudita, Irã e o Brunei também tentaram implementá-la. O problema nisso é que a lei islâmica contradiz aqueles que tentam implementá-la hoje. Essa contradição acontece quando os ensinamentos do Islã são violados e seguidos apenas quando convenientes. Compreender as queixas da população com a má interpretação da Sharia será importante para a estratégia COIN. O método com que os insurgentes estão entrelaçando a violência com suas crenças será um dos pontos fracos que as insurgências têm, e que pode ser aproveitado.

A INSURGÊNCIA E O TERRORISMO

A capacidade de determinar a diferença entre a insurgência e o terrorismo tornou-se cada vez mais difícil hoje em dia. Grupos tais como AQ, IS e vários outros têm uma maneira de operar que é difícil de se classificar. A pergunta que surge da tentativa de definir tanto a insurreição como o terrorismo é exatamente a diferença entre a violência que ambos cometem. Na tentativa de diferenciar os dois, tem-se que compreender que a insurgência é um movimento que tem motivações políticas, com um objetivo específico. Depois, há o terrorismo e a guerrilha, que não são movimentos, mas métodos que estão disponíveis para perseguir os objetivos de um movimento político.²⁰

O Departamento de Defesa dos EUA (DoD) define insurgência “como um movimento organizado que visa a derrubada de um governo constituído, por meio do uso de subversão e conflito armado.”²¹ Ao analisar uma insurgência pode ser visto que não há nada inerente à insurgência ou à guerrilha que requeira terror. O objetivo específico de uma insurgência

19 Eikmeier, Dale C, “Outbism: uma ideologia de islão-fascismo” Parâmetros, da Primavera de 2007, p. 85-98.

20 “Hackers alertam cadeias de rua”. BBC News. 25 abr. 2008. “Essa é a beleza da guerra assimétrica. Você não precisa de um monte de dinheiro, ou um exército de pessoas.”

21 Departamento de Defesa, Dicionário de Termos Militares e Associados, 207.

é desafiar o governo existente para o controle de todo ou parte de seu território ou forçar concessões políticas na partilha de poder político. As insurgências também exigem uma boa parte de apoio da população. Outro fator importante é o apoio externo de outros países ou ligações políticas. Esses fatores combinados podem, potencialmente, trazer legitimidade aos movimentos como a IS, que está atualmente tentando e, já declararam ter estabelecido, um califado na Síria e no Iraque.

Comparando o desenvolvimento do conflito nos movimentos insurgentes e terroristas, constata-se que as organizações terroristas almejam também serem revolucionárias e estão reunidas neste conjunto de critérios, o que torna difícil tentar diferenciá-las. A definição de terrorismo do DoD observa o tipo de violência ilegal empregada para objetivos específicos, tais como a política, a religiosa ou a ideologia. Essa definição não consegue resolver a questão sobre o Estado patrocinando o terrorismo, porque só aborda a violência ilegal e, portanto, obscurece tentativas de definir determinadas ações como crimes de guerra, ou crimes contra a humanidade no âmbito da Convenção de Genebra.

A diferença do terrorismo para uma insurgência é que os terroristas têm pessoal (“combatentes da liberdade”, “soldados”, “ativistas”) que cometem atos de terrorismo e, enquanto o tempo passa, esses grupos de terroristas, eventualmente, têm divergências sobre suas ações com os grupos insurgentes que originalmente estavam trabalhando com eles.²²

Essas discordâncias trazem como consequência que os terroristas estão começando a desenvolver suas próprias agendas políticas, além de fragmentarem-se longe das insurgências de seus grupos de origem. Esses grupos fragmentados, por sua vez, transformam-se em insurgências mais agressivas e violentas. A capacidade de distinguir os dois e ver que agora existe um movimento usando certos métodos como o terrorismo vai ajudar na identificação e desenvolvimento de uma contrainsurgência eficaz.

O CATALISADOR

A ameaça de insurgências e terrorismo existe há muito tempo. Muitos países têm lidado com essas ameaças por meio da utilização de estratégias ineficazes de COIN. Os grupos insurgentes têm sido capazes de capitalizar sobre condições sociais e políticas que pioram a cada dia,

22 Thalif, Deen. “Política: os Estados-Membros da ONU luta para definir o terrorismo” Inter Press Service, 25 jul 2005.

as quais o governo não consegue remediar. Essas circunstâncias foram se desenvolvendo lentamente, em razão de governos corruptos, com as economias se deteriorando e com o aumento de jovens desempregados.

O Oriente Médio sempre foi uma região volátil em que nada parecia ser capaz de coexistir. Enquanto as tensões aumentaram ao longo dos anos, em 18 de dezembro de 2010, o Oriente Médio se incendiou e o mundo seria posto em alerta máximo.

O incidente que ocorreu no dia anterior, quando um vendedor de rua da Tunísia, Mohamed Bouazizi, imolou-se para protestar contra o que ele acreditava ser um tratamento injusto por funcionários locais corruptos.²³ A morte de Bouazizi passaria a ser conhecida como o catalisador para a Revolução da Tunísia, o que acabou alimentando o fogo para a “Primavera Árabe”, em que muitos confrontos violentos começaram entre forças de segurança e manifestantes.

A “Primavera Árabe” foi um período perfeito, em que os insurgentes conseguiram impor suas agendas e desacreditar os governos, incitando a população. Os resultados dessa revolta violenta foram cinco governos derrubados (duas vezes no Egito, Tunísia, Líbia e Iêmen), uma guerra civil na Síria, muitos protestos em vários países da região e um número estimado de 160.000 mortes (80% principalmente sendo na Síria).²⁴ A “Primavera Árabe” levou a uma onda de ataques em toda a região com países como a Síria e o Iraque incorrendo em pesadas perdas que foram predominantemente lideradas por insurgentes da AQ.

A ONDA DE ATAQUES

Essa insurgência progressiva agora atua em uma guerra assimétrica por meio de uma agenda com uma ideologia radicalizada e necessidades políticas e econômicas. O uso do terrorismo tem se misturado com insurgentes, criando uma IIG ainda mais perigosa e que é mais propensa a usar táticas extremadas na tentativa de alcançar seus objetivos. O resultado das ações de IIG tem provocado incontáveis vítimas de ataques violentos indiscriminados. O Oriente Médio tem sofrido com maiores índices de violência com ‘bolsões de violência’ passando como uma praga por partes da África e do Sul da Ásia. Estima-se que subiu mais de 150%

23 Noueihed, Lin. “Martírio do Mascate lançado revolução da Tunísia”. Reuters UK. 9 fev 2011.

24 “Na Síria o número de mortos de guerra atinge 160.000”, Associated Press. 19 mai 2014.

o número de ataques de grupos IIG desde 2009. Esses números podem ser atribuídos, sobretudo, aos ataques suicidas no Iraque e à guerra civil que está ocorrendo hoje na Síria. De acordo com um estudo feito por Jane's Terrorism & Insurgency Center (JTIC), houve um total mundial de 7.217 ataques em 2009 e em 2013 o número mais do que duplicou para 18.524.

O aumento dramático dos ataques resultou em perdas surpreendentes, tanto para os militantes, quanto para não-militantes. Informações de fontes abertas, que foram coletadas pelo JTIC relataram uma contagem total de mortos de 13.872 militantes e de 10.562 não-militantes em 2012. Em 2013 esse número seria quase o dobro, com uma contagem de mortos de 21.490 e 17.554, respectivamente. Esse aumento dramático de ataques e feridos é considerado um dos maiores em muitos anos.

O aumento dos ataques, também, pode ser atribuído ao grande fluxo de combatentes nativos e estrangeiros que foram motivados pelo sucesso dos grupos insurgentes. Há relatos de combatentes estrangeiros ocidentais que viajam para o Oriente Médio para se juntar as insurgências como a AQ e ultimamente ao IS. As insurgências também têm sido capazes de realizar campanhas para recrutar mais pessoas para suas organizações pelos meios eletrônicos. Recentemente, em uma fita de áudio postada pelo líder do IS, Abu Omar al Baghdadi, este descreveu o Afeganistão como sendo uma "escola para o terrorismo" e o Iraque como sendo a "universidade do terrorismo."

Aqueles que desejarem se tornar insurgentes no futuro e quiserem aprender as técnicas, táticas e procedimentos (TTP) que estão sendo usados na atualidade podem aprender essas TTP nesses lugares, consolidando tais competências e utilizando-as em seus países de origem ou em outras partes do mundo. Para muitos combatentes estrangeiros, viajar para áreas como o Iraque ou a Síria para se juntar a uma insurgência é uma forma de adquirir experiência em combate, pois essa é a região onde o combate tem sido mais difícil e a habilidade de sobreviver lhes dá uma sensação de invencibilidade e vontade de continuar lutando.

A pergunta que vem à mente é como estes aumentos dramáticos de violência acontecem e como o povo reage a isso? A população em muitos países, especialmente no Iraque, foi aterrorizada por meio do uso indiscriminado da força que as insurgências, como a IS, têm usado largamente. Esse é um dos pontos fracos que precisam ser explorados no desenvolvimento de uma contrainsurgência eficaz. Como é que se combate a mídia eletrônica que recruta combatentes de várias partes do mundo?

O ESTADO ISLÂMICO

A principal ameaça atual de um grupo insurgente que o mundo enfrenta é o IS, anteriormente conhecido como o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) ou o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS). Esse grupo é uma grande ameaça, pois é um componente jihadista insurgente que tem sido capaz de tornar-se em estado não reconhecido. No dia 28 de junho de 2014, o IS auto nomeou-se como o califado sobre todos os muçulmanos. Esse grupo extremista segue a ideologia radical da AQ e adere aos princípios jihadistas globais.²⁵ Esse grupo insurgente continua a disseminar seus propósitos que cada vez se tornam mais evidentes e deixam bem claro que pretende estabelecer um Estado islâmico puro e deseja eliminar todas as fronteiras modernas entre os países islâmicos do Oriente Médio.²⁶

As origens do IS são de AQI, quando ainda era um grupo subordinado ao AQ. Em 2013, o IS, anteriormente conhecido como o ISIS, tornou-se muito ativo como o principal grupo rebelde combatendo as forças do governo da Síria e do Iraque. Durante esse período, IS começou a ganhar força a partir de discordâncias contínuas com outros grupos insurgentes, como o Jabhat al-Nusra (de JN), na Síria. Durante esse ruptura entre os grupos, estima-se que cerca de 65% dos membros da JN declarou lealdade à IS. Em um artigo do Instituto Washington para a Política do Oriente Próximo, Aaron Zelin explica que a ruptura entre grupos insurgentes aconteceu porque o IS imaginou que a liderança da AQ havia se desviado da ideologia de Bin Laden. O líder do IS publicou uma declaração em abril de 2014 informando o seguinte:

Os líderes de AQ desviaram-se do caminho certo ... AQ deixou de ser a base do jihad; e, sim, a sua liderança tornou-se um machado apoiando a destruição do Estado Islâmico e a chegada do califado... AQ amolece em sua posição ao custo do Islã e da Irmandade Muçulmana.

Abu Bakr al Baghdadi, proclamado califa do IS

25 Holmes, Oliver. "A Al Qaeda quebra sua ligação com o grupo militante sírio ISIL." Reuters. 3 feb 2014.

26 Tran, Mark. "ISIS anuncia califado islâmico na área abrangendo Iraque e Síria." The Guardian. 30 jun 2014.

A estratégia do IS, é diferente da AQ. Ela pretende obter o controle territorial e o controle da população, por meio de uma estrita aplicação da lei islâmica. O IS também é muito defensivo e não permite qualquer oposição dentro das áreas que controlam. Isso difere da AQ, considerada mais tolerante e com uma abordagem mais gradual em tomar o controle. Aos olhos da AQ, o IS quebrou o juramento religioso com que havia se comprometido o seu líder.

O método que o “Estado islâmico” está empregando tem sido classificado como extremamente violento, mesmo para os padrões da AQ que já haviam sido descritos, essa organização anteriormente como violenta.²⁷ O IS também está implementando de forma agressiva a lei da Sharia em áreas que tem tomado o controle. A população vive em constante medo e apoia os insurgentes, a fim de não ter a lei da Sharia administrada por violações do qual são acusadas. Atualmente a Síria e o Iraque têm observado o IS implacavelmente aplicar a lei islâmica em cidades sob seu controle.

A capacidade que o IS tem hoje é extensa, com recursos financeiros gerados a partir do crime organizado dentro das áreas de que eles controlam, fundos da diáspora, patrocinadores desconhecidos de países do Golfo e de bancos que puderam se apropriar, como em Mosul, no qual cerca de 400 milhões dólares foram roubados, e também pela extensa quantidade de simpatizantes dispostos a aderir à sua causa ao redor do mundo. O alto nível de capacidade do IS também tem sido comprovado com os ataques altamente coordenados e do maior movimento dentro do Iraque, em que tomou o controle da cidade de Mosul e das principais áreas das cinco províncias localizadas ao norte e oeste de Bagdá .

Seu líder, Al Baghdadi, reivindicou o título de califa, depois de proclamar um califado no Oriente Médio, e emitiu uma chamada à jihad para todos os muçulmanos ao redor do mundo. Atualmente, o IS é composto por 16 distritos administrativos, 7 dos quais que no Iraque e 9 na Síria. Foi relatado que também ele está operando no Líbano na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Atualmente, a partir de julho de 2014, estima-se que o IS tenha mais de 8000 combatentes e crescendo em números. O IS também assumiu o controle de vários campos de petróleo, uma barragem que é a maior produtora de energia elétrica no Iraque, localizada em Mosul, grandes quantidades de armas de uso militar e também algum

27 Birke, Sarah. “Como Al Qaeda mudou a guerra da Síria” New York, 27 dez 2013.

composto de urânio, que embora não enriquecido, poderia ser usado para criar algum tipo de bomba “suja.” As ações contínuas do IS têm mostrado que é a prova de que eles são uma ameaça formidável e capaz de realizar muito mais do que o anteriormente esperado.

A GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO

Hoje os Estados-nação têm começado a definir o tipo de guerra que estão enfrentando como a forma mais evoluída de conflito, que emprega todas as redes disponíveis, em especial a econômica, a militar, a político e a social.

O primeiro, o supremo ato de maior alcance que o estadista e comandante tem que fazer é estabelecer. . . o tipo de guerra em que estão embarcando; nos confundindo-a, nem tentando transformá-la em algo que é estranho para sua natureza.

Carl von Clausewitz, *On War*

Esse tipo de conflito é teorizado como a 4GW, originalmente identificado por William Lind e um conjunto de analistas norte-americanos em 1989.²⁸ Sua teoria postula que a evolução da guerra tornou-se mais descentralizada, com técnicas, táticas e procedimentos (TTP) e tecnologia que permitem que funcione de forma mais eficaz no mundo de hoje. Isso tem-se provado extremamente difícil para os EUA e muitos outros países que anteriormente combatiam guerras de desgaste, confrontando uma grande força de combate contra a outra.

De acordo com a teoria da 4GW, a guerra passou por três gerações anteriores:

— As de Primeira Geração (1GW) que se refere às batalhas enfrentadas com as forças de massa, usando táticas de linha e coluna com soldados uniformizados regulados pelo Estado.

— As de Segunda Geração (2GW) eram as táticas usadas após a invenção do mosquete, e continuando com o desenvolvimento da metralhadora e do fogo indireto.

— As de Terceira Geração (3GW) focada em utilizar a velocidade e a surpresa para ignorar linhas do inimigo e atacar suas forças por trás.

28 William, LS, Nightengale, K., Schmitt, J., Sutton, JW, e Wilson, GI, “The Changing Face of War: Into the Fourth Generation,” *Marine Corps Gazette*, out. 1989, p. 22-26.

Foi o fim da guerra linear em um nível tático, com unidades em busca não apenas para encontrar-se cara a cara, mas para manobrar melhor do que os outros para obter maior vantagem.²⁹

— O conceito da 4GW apresentado por Lind caracterizou o retorno às formas descentralizadas de guerra, em razão dos Estados-nação terem perdido o seu quase “monopólio” sobre as forças de combate.

Esta nova forma de guerrear tem atores não-estatais opondo-se aos Estados-nação. Esses atores não-estatais têm existido por séculos (rebeldes, guerrilheiros, terroristas, combatentes pela liberdade), mas a diferença é que agora eles já não estão lutando dentro de um único país e, portanto, representam uma maior ameaça.

Enquanto as insurgências se tornam mais poderosas e perigosas, os insurgentes agora representam maiores ameaças à estabilidade mundial. Uma ameaça que não era observada até recentemente, como por exemplo o grupo insurgente do IS, com um nível de sofisticação na organização e na forma de como tornaram a tecnologia proficiente. Esse nível de proficiência é o que lhes permite planejar e conduzir operações globalizadas, tornando-os difíceis de seguir e combater.³⁰

Grupos insurgentes, também, têm demonstrado uma boa capacidade financeira para adquirir uma variedade de armas para realizar suas operações. Os tipos de armas que podem, potencialmente, ser adquiridas variam de pequeno porte a armas nucleares, biológicas e químicas (NBQ). Até agora, se uma insurgência adquiriu uma capacidade NBQ. Contudo, eles recentemente foram capazes de adquirir um grande número de armamentos convencionais no Iraque.

A fraqueza dos insurgentes nessa situação é que eles provavelmente não têm a capacidade de poder utilizar esses tipos de armamentos, em razão dos conhecimentos e do apoio necessários para mantê-las funcionando. Está claro que eles estão usando seus novos recursos não só para lutar contra os governos locais, como foi o caso com as insurgências tradicionais, mas também para atacar os Estados-nações distantes. Agora estamos observando que as forças de combate não compõem mais o esforço principal nos conflitos; elas são agora complemento dos outros meios para se lutar em 4GW.

29 Lind, William S. “Compreender Guerra de Quarta Geração”. www.antiwar.com; 29 mar 2009.

30 Barnett, T. *The Pentagon’s New Map*, Putnam’s Sons, NY, 2004.165.

COMBATENDO AS INSURGÊNCIAS

Em junho de 2004, o Secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld, questionou a estratégia usada pelo EUA para combater os insurgentes e a guerra contra o terrorismo:

É muito claro para mim que não temos uma abordagem coerente para isso [guerra contra o terrorismo]... terrorismo é simplesmente uma técnica que está sendo usada por extremistas. O terrorismo não é o problema em si; é uma arma que está sendo usada.³¹

Até recentemente o método como as diversas nações formavam e mantinham as suas forças armadas organizadas era para o combate em guerras de grande escala contra outras forças opostas similares. A mentalidade das forças armadas tem sido a de operar em um método linear e tentar realizar uma guerra de atrito, destruindo, tanto quanto possível, o inimigo por maior quantidade de tropas e capacidade militar. Os militares têm uma mentalidade conjunta com as doutrinas de liderança rígidas, como Comando e Controle (C2), e TTPs específicas que provaram ser insuficientes na luta contra os insurgentes.

Forças armadas superiores não foram capazes de combater modos irregulares em conflitos de baixa intensidade em que o assédio, emboscadas, sabotagens e ataques de surpresa provaram-se “superiores” contra as forças mais bem equipadas e tecnologicamente mais avançadas. A tática de prolongar os conflitos e causar o maior número de perdas humanas possível para o lado oposto é, provavelmente, a melhor tática que os insurgentes têm sido capazes de utilizar. Os insurgentes sabem que esta é uma tática eficaz para erodir o apoio popular para o lado adverso, devido aos altos custos envolvidos, sejam eles monetários ou em vidas humanas.

É importante perceber que os insurgentes têm evoluído e como eles evoluem, a estratégia COIN também precisa se adaptar e se tornar mais eficaz. O manual do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos Americanos em insurgências e contrainsurgências descreve o seguinte:

A vitória na COIN pode não ser tão clara como vencedora em um conflito convencional. Sucesso na COIN depende do desenvolvimento de uma capacidade da nação anfitriã para conter, reduzir e derrotar a insurgência sem a necessidade de envolvimento direto dos EUA. Alcançar

31 Rumsfeld, Donald, o secretário de Defesa, “Observações do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos”, (Cingapura, 5 de junho de 2004).

o sucesso pode depender menos de derrotar a insurgência e mais na capacidade de legitimar as instituições do país anfitrião para a população.³²

Os oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA foram os inovadores na guerra de manobra e passaram por diversas gerações de guerra. Na 4GW de hoje, o Corpo de Fuzileiros Navais está trabalhando em termos de sucessos e não de vitórias.

COMBATENDO A INSURGÊNCIA, UMA ABORDAGEM DOS FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA

Um dos sucessos que foram vistos na COIN ocorreu em 2004, quando a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais voltou para o Iraque. Durante esse período, um dos generais mais influentes dos fuzileiros navais, Major General James Mattis, era o comandante da divisão. A maneira de agir que estava sendo vislumbrada pelo general era oferecer à população uma alternativa viável para o domínio implacável da AQI.

A AQI estava matando os líderes tribais e brutalmente estabelecendo sua interpretação da lei da Sharia, e forçando os casamentos de meninas, desafiando as tradições tribais.³³ A divisão entrou em combate e reivindicou a vitória sobre as forças adversárias de combate do Iraque. Enquanto as forças de combate foram quase dizimadas, um vácuo em que não havia nenhum aparato de segurança local para manter a nação unida foi criado. A situação que surgiu após o assalto iria começar a deteriorar-se e, como já afirmado pelo general Kelly, “As CFs não estavam preparadas.»

A visão que o general Mattis tinha não era inovadora; era apenas uma abordagem que não estava sendo praticada na época. O general sentiu que o terreno chave essencial para o sucesso em COIN era a população. O estado maior da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais realizou uma avaliação da demografia na província de Anbar. A avaliação conseguiu identificar três grupos principais: as tribos; antigos elementos do regime; e os combatentes estrangeiros.³⁴ Após a identificação dos grupos, o general foi capaz de observar as diferenças entre eles que poderiam ser exploradas quando se aproximaram os grupos.

32 Manual de Campo 3-24/Marine Corps Warfighting Publication 3-33.5 “, insurgências e combatendo insurgências” (Washington DC maio 2014) p. 1-8.

33 Robinson, Diga-me como isso termina: General David Petraeus e a busca de uma saída do Iraque, 271-272.

34 LtGen Kelley, “Forward”, Vol. 1, American Perspectives: USMC/COIN in Iraq, 2004-09,(University Press, 2009).

Sua abordagem enfatizou o engajamento proativo de sheiks, tratamento respeitoso da população, e os esforços contínuos para restabelecer serviços essenciais e também a infra-estrutura.³⁵ Essa abordagem ajudou a liderança sunita, enquanto eles lutavam para estabelecer-se no novo Iraque. Serviu também para ajudá-los a perceber que a AQI não estava trabalhando no melhor interesse do povo e que as CFs realmente queriam ajudar a população no processo de reconstrução. Não é necessário dizer, mas a situação de segurança mudou rapidamente, e foi estabelecido um nível de confiança que não existia anteriormente.

CAMINHO À FRENTE

O IIG estará aqui no futuro e continuará a evoluir e crescer pelo mundo. Tal como já foi evidenciado pelas ações do IS, eles chegaram a alguns de seus objetivos finais que eram desacreditar os governos do Iraque e da Síria, criar um governo sombra controlando grandes áreas da região e, finalmente, estabelecer um califado. Eles têm sido capazes de cumprir essas metas facilmente no Iraque devido às fraquezas do governo. A Síria ainda representa um desafio, mas o IS segue os TTPs da insurgência clássica e estão prolongando os seus esforços e lutando lentamente contra o governo.

Ao analisar os pontos fortes e fracos do IS, eles mostraram claramente ambos os pontos, enquanto continuam a crescer. Atualmente seu centro de gravidade, de grande eficácia, é sua ideologia religiosa. Isso tem sido um instrumento eficaz para o IS que é capaz de recrutar um grande número de pessoas a lutar por sua causa, o Islã. O sucesso que está sendo visto também é um motivador para muitas pessoas que se sentem marginalizados da sociedade - jovens desempregados que estão procurando alternativas e para quem os governos não estão oferecendo oportunidades. O grande número de recrutas potenciais em todo o mundo está dando a possibilidade ao IS para estender-se a redor do mundo para outros grupos insurgentes e aumentar seus números, a fim de executar JG.

As fraquezas do IS hoje são muitas e o número continuará a crescer. A principal fraqueza é que eles estão se expandindo rapidamente e, ao fazer isso, estão alienando o elemento mais importante que é a chave para ambas as insurgências e COIN, a população. O esforço constante do IS para estabelecer o califado e controle via lei Sharia está

35 Ibid.

perdendo os “corações e mentes” da população, o que será sua queda. Eles indiscriminadamente mataram muitos civis e têm destruído centros religiosos, como igrejas, cemitérios e mesquitas que são extremamente importantes para a população. Como o nível de atrocidades continua a aumentar, a atenção internacional tem sido levantada e já justifica aos Estados Unidos da América para iniciar a prestação de assistência aos perseguidos e também para iniciar poder militar. Outros países também estão tomando nota e também estão tomando medidas para acabar com o IS. O fator chave nessas ações futuras será que as nações que atuam se uniram e desenvolver metodologias de COIN que funcionam em conjunto e não uns contra os outros.

Enquanto nós continuamos a analisar o IIG e, mais especificamente, o IS, existem diversas linhas de ação que podem potencialmente ocorrer. É altamente improvável que eles acabarão por tornar-se um ator não-estatal funcionando com seu Califado. Eles não têm os meios para operar em maior escala. Portanto, o que será a sua linha de ação mais perigosa é que eles começam a perder o controle e que tentarem realizar uma jihad mais radical. A IS tem o controle de infraestruturas fundamentais, como a represa do Mosul e vários campos de petróleo no Iraque. Eles poderiam destruir a barragem já fraca e inundar Bagdá e muitas áreas periféricas matando milhares de iraquianos. Isso poderia resultar em sua queda, mas ao mesmo tempo destruindo o governo iraquiano já enfraquecido criando outro vácuo de poder que acabaria por ser preenchido por outro grupo insurgente no futuro. Para reforçar ainda mais essa linha de ação, a ativação de células dormentes em várias partes do mundo poderiam ser executadas, a fim de realizar JG. O perigo aqui é que os ataques seriam extremamente difícil de parar ou para descobrir onde eles se originaram ou saber onde poderiam ser realizados até que eles ocorram.

O curso de ação mais provável é que eles vão começar a diminuir suas operações a fim de reorganizar-se. Eles não têm os recursos ou capacidade de organização para operar em grande escala e também não será reconhecido por Estados-nação. Isso acabará por ser sua queda, porque a população se virará contra eles e os combatentes também o farão, quando o IS tenta organizá-los como uma força convencional. Facções irão formar assim como eles fizeram contra a AQI e eles vão começar a executar as suas próprias agendas. As funções do Estado islâmico são melhores em conflitos prolongados de baixa intensidade e qualquer tentativa de lutar como uma força convencional contra outra força convencional irá produzir

resultados catastróficos para eles. A vida útil do IS é curta pela rapidez com que eles estão tentando progredir e tal como anteriormente referido eles vão implodir à medida que atingem o seu pico de sucessos.

Será fundamental que os pontos de vista sobre COIN se tornem mais abertos, e que os estados comecem a parceria nesta luta prolongada. A capacidade de trazer os diferentes pontos de vista políticos, sociais e culturais em conjunto será fundamental no desenvolvimento de metodologias eficazes para operações de COIN. Também será importante que as análises de ameaças sejam feitas, a fim de compreender as estratégias do inimigo, os seus objetivos e, mais importante, seu estado final. Isso será necessário para melhorar as capacidades dos vários países com problemas para serem capazes de desenvolver a flexibilidade no combate ao IIG que estão altamente conectados com outros grupos insurgentes.

Uma estratégia potencial deve ter por objetivo conter o IS de crescer e reforçar o governo iraquiano para que possa engajar o IS mais eficaz. Isso vai requerer o seguinte:

- Convencer aos países que são alvos potenciais do IS no futuro para se envolverem e começar a oferecer apoio.

- Fornecer aos rebeldes sírios os meios para lutar contra o IS.

- Causar dissensão entre IS, com a manutenção das perdas.

O mais importante é como o presidente Obama recentemente declarou durante uma conferência na capital: “Vai ser uma estratégia de longo prazo que será necessária para melhorar a governação no Iraque e na Síria.” Isto requererá ser capaz de desenvolver um tipo de governo que irá satisfazer os Shias, curdos e os sunitas.

Esse é um ponto de partida e um desafio para os estrategistas elaboração de uma COIN eficaz.

CONCLUSÃO

Esse artigo explorou o caráter atual da insurgência islâmica global, os principais desafios e sucessos da campanha de contrainsurgência liderada pelos Estados Unidos da América, e as capacidades necessárias para empreender operações de contrainsurgência eficazes. Ao examinar as principais lições aprendidas de vários movimentos, como no Vietnã e no Iraque, foi identificado que a maioria dos políticos subestimou, repetidamente, a importância da população local para os esforços de contrainsurgência. Para os governos desenvolverem contrainsurgências,

é preciso concentrar os recursos para ajudar a melhorar a capacidade do governo e das forças de segurança locais, permitindo uma contrainsurgência mais eficaz. Esse esforço nem sempre tem sido bem feito e terá de evoluir para poder combater na Guerra de Quarta Geração.

Atualmente, o Estado Islâmico conseguiu obter mais poder e agora se estabeleceu como o primeiro grupo insurgente não estatal. A ameaça que representa pode continuar crescendo ou implodir, isto é, dependendo de como eles continuem a realizar operações. O seu carácter agressivo conseguiu atrair muitos combatentes dispostos a juntar-se aos seus sucessos, mas ao mesmo tempo o nível de agressividade e violência atual está criando um nível de oposição que será incontrollável para o IS.

Esse nível de oposição vai desempenhar um papel importante na queda das insurgências de hoje, porque eles não estão ganhando mais os “corações e mentes” da população. Na opinião deste autor, eles não têm a capacidade de sustentar as operações por muito mais tempo e também de governar o califado que foi estabelecido. A maior parte do mundo está observando e se mobilizando para desenvolver melhores estratégias de COIN e não vai permitir que o IS ameace a ordem mundial.

A capacidade de obter sucesso requererá que os militares e agências civis de 36 diferentes países formem uma parceria de coalizão para trabalhar em conjunto para aumentar a governança local, onde os insurgentes estão tentando estabelecer-se. Quão mais capazes e legítimas as instituições de segurança e os governos locais sejam, melhores serão as possibilidades de o país governar com sucesso e desacreditar os movimentos insurgentes.

REFERÊNCIAS

BARNETT, Thomas P.M. *The Pentagon's New Map*. New York: Putnam's Sons, 2004.

BIRKE, Sarah. How Al Qaeda Changed the Syrian War. *The New York Review of Books*, New York, 27 Dec. 2013.

CREVELD, Martin. *The Transformation of War*. New York: Free Press, 1991.

ECHEVARRIA, Antulio J. *Fourth generation warfare and other myths*. Pennsylvania: Strategic Studies Institute, 2005.

EIKMEIER, Dale C. Outbism: an ideology of Islamic-Fascism. *Parameters*, Spring 2007.

GATES, David. *The spanish ulcer: a history of the Peninsular war*. [S.l.]: Pamlico, 2002.

HAMMES, Thomas X. *The Sling and the Stone*. St. Paul: Motorbooks, 2004.

INTERVIEW with Vo Nguyen Giap. WGBH Media Library & Archives, 1982.

KELLY, John F. Transition to Iraqi Control. Part I. In: MCWILLIAMS, Timothy S.; WHEELER, Kurtis P. (Ed.). *Al-Anbar Awakening: american perspectives: US marines and counterinsurgency in Iraq, 2004-2009*. Quantico, Virginia: Marine Corps University, 2009. (American Perspectives, v. 1).

KILCULLEN, David J. *New Paradigms for 21st Century Conflict: the need for a grand strategy for combating terrorism*. eJournal USA, 6 May 2007. (Special edition, Countering the Terrorist Mentality).

KILCULLEN, David. Ethics, Politics and Non-state Warfare. *Anthropology Today*, v. 23, n. 3 Jun. 2007.

LEWIS, Bernard. Islam and Liberal Democracy. *The Atlantic Monthly*, Feb. 1993.

LIND, William S. Understanding Fourth Generation War. *Antiwar.com*, Jan. 2004. Disponível em: <<http://www.antiwar.com/lind/?articleid=170229>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

MACK, Andrew J.R, Why Big Nations Lose Small Wars: the politics of asymmetric conflict. *World Politics*, v. 27, n. 2, p. 175-200, Jan. 1975.

MARTIN, Miguel Angel. *The guerilla wars, 1808-1814: Napoleon's spanish nightmare*. Madrid: Andrea Press, 2010.

METZ, Steven. Rethinking Insurgency. *Strategic Studies Institute*, Pennsylvania, 2007.

NATIONAL COMMISSION ON TERRORIST ATTACKS UPON THE UNITED STATES. *The 9/11 Commission Report*. New York: W.W. Norton Co, 2004.

NIGHTINGALE, W. The changing face of war: into the fourth generation. *Marine Corps Gazette*, Oct 1989.

NOUEIHED, Lin. Peddler's martyrdom launched tunisia's revolution. *REUTERS*, UK., 19 Jan. 2011.

ROBINSON, Linda. Tell me how this ends: general David Petraeus and the search for a way out of Iraq. New York: [s.n.], 2008.

RUMSFIELD, Donald. *Defense. Remarks on GWOT*. International Institute for Strategic Studies, Singapore, 5 Jun 2004.

SCHRAM, Stuart R. *Basic tactics: selected works of Mao Tse-Tung*. New York: Praeger, 1966.

THALIF, Deen. Politics: U.N. member states struggle to define terrorism. *Inter Service*, 25 Jul. 2005.

THE FUTURE of Warfare. *The Economist*, 8 Mar 1997.

TRAN, Mark; WEAVER, Matthew. ISIS announces Islamic Caliphate in area straddling Iraq and Syria. *The Guardian*, 30 Jun 2014.

UNITED STATES. Department of Defense. *Dictionary of Military and Associated Terms*. Washington, DC, 2010.

UNITED STATES. Department of the Army. *FM 3-24/MCWP 3-33.5: insurgencies and countering insurgencies*. Washington, DC, May 2014.

VAN DER SPUY, C. Lessons learned from African insurgencies: Implications for South African Army Intelligence. *SA Army Intelligence Formation*, Aug. 2012.

Recebido em: 14/10/2014

Aceito em: 16/12/2014